

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA  
12 de setembro de 2024

## HOME! HOME! / 2024 (Où en êtes-vous, Terence Davies?)

Um filme de TERENCE DAVIES e JAMES DOWLING

*Realização:* James Dowling / *Concepção e argumento:* Terence Davies, a partir de cinco poemas seus (“It comes so sudden”, 1984; “The Last of England”, 2020; “Rendezvous”, 2011; “The Gates of Heaven”, 2002; “Goodbye to all that”, 2002) e de passagens do seu romance *Hallelujah Now!* / *Direção de fotografia e montagem:* Gregory Browning / *Música original:* Florencia Di Concilio / *Interpretação:* Simon Russell Beale (narração).

*Produtores:* John Taylor (The Terence Davies Estate), Centre Pompidou, James Dowling / *Cópia:* DCP, cor, falada em inglês, legendada em francês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 16 minutos / *Estreia mundial:* 1 de março de 2024, Centre Pompidou / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

## OF TIME AND THE CITY / 2008

Um filme de TERENCE DAVIES

*Realização e argumento:* Terence Davies / *Direção de fotografia:* Tim Pollard / *Montagem:* Liza Ryan-Carter / *Música original:* Ian Neil / *Direção de arte:* Mags Horspool / *Decoração:* Sylvia Kasel / *Guarda-roupa:* Uli Simon / *Som:* Adam Ryan-Carter / *Montagem e mistura de som:* Charles Autrand, Marc Thil / *Efeitos especiais:* Ken Fitzke / *Interpretação:* Terence Davies (narração).

*Produtores:* Roy Boulter, Sol Papadopoulos / *Produção executiva:* Lisa Marie Russo, Christopher Moll / *Produção de arquivos:* Jim Anderson / *Cópia:* DCP, cor, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 74 minutos / *Estreia mundial:* 19 de maio de 2008, Festival de Cinema de Cannes / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

---

Davies é um cineasta da ficção, um cineasta do artifício, um cineasta das memórias vividas ou imaginadas. Daí que, na sua filmografia, só se encontre um único documentário, este – e a expressão “documentário” é muito insuficiente para descrever **Of Time and the City**. À encomenda da Liverpool Capital Europeia da Cultura, Davies respondeu com o seu “Liverpool da Minha Infância” – terá ele visto o filme que Manoel de Oliveira fez para a Porto Capital Europeia da Cultura meia dúzia de anos antes? Trata-se de um filme de expressão híbrida, mais próximo do filme-ensaio. Composto quase integralmente por imagens de arquivo, o filme é atravessado pela voz do próprio realizador, numa narração e num tom que têm tanto de amargura como de mordacidade. Quão longe estão as recordações edulcoradas da infância naquela cidade operária de **The Long Day Closes**? Davies viveu em Liverpool até aos 28 anos, idade em que decidiu mudar de vida – despediu-se do seu trabalho como guarda-livros e foi estudar teatro, e depois cinema. É, portanto, a cidade da sua juventude. Mas é também a cidade da qual se teve de libertar, a cidade do operariado explorado, do conservadorismo católico, da fome, do racionamento do pós-guerra, da repressão sexual, da violência, da psicose. Ao contrário de Oliveira que cresceu, viveu e morreu no Porto – dedicando a quase integralidade da sua obra à região –, a relação de Davies com a sua cidade natal é muito mais conflituosa, entre o amor nostálgico e o ódio gutural (ouve-se, logo no início, *We love the place we hate, then hate the place we love. We leave the place we love, then spend a lifetime trying to regain it.*).

O filme abre com a subida do pano num cine-teatro – anunciando as aberturas de filmes como **The Deep Blue Sea** e **Benediction**, e já citando, de forma ínvia, certas “representações” teatrais presentes em **Distant Voices** e **The Long Day**. Abre-se o pano, projetam-se imagens de arquivo (*quando a televisão e a vida ainda eram a preto e branco*), e soa a voz grave do realizador. Eis-nos perante o palco do passado, perante a “encenação da história” feita a partir do “eu” – *Come closer now and see your dreams. Come closer now and see mine*. A partir daqui, a voz do realizador conduz-nos a uma série de locais já conhecidos das suas ficções autobiográficas, compondo um retrato que sendo familiar se apresenta – agora – com a crueza do facto histórico. As imagens de arquivo são testemunhos das condições de vida, da cidade destruída, do trabalho nas fábricas, da alienação religiosa, dos rostos sofridos dos trabalhadores – e são também testemunhos da pompa monárquica e da fantasia hollywoodiana. Estas são acompanhadas por uma banda sonora clássica e pela narração rouca e angustiada do cineasta – que vocifera contra o progresso e amaldiçoa a crueldade do passado. A qualidade literária desse texto em *off* sublinha o gosto pela escrita que Davies desenvolveu de forma semisecreta ao longo da vida (já lá irei) – aliás, justificar-se-ia publicar esta narração como obra literária autónoma.

**Of Time and the City** é um filme que, pela natureza pessoal da narração, surge na obra de Terence Davies como chave de todos os seus interessantes, como resposta para todos os seus traumas, como complemento dos seus desejos ocultos. Reencontramos a estátua da “madonna and child” da catedral de Liverpool, compreendemos o fascínio homoerótico

pelo *wrestling* e sentimos o prazer cinéfilo pelo cinema clássico americano – só para referir alguns “tópicos recorrentes”. Se Terence só uma vez cai na tentação da auto-citação (algo que Manoel de Oliveira também faz, de modo a contornar as obras que esventravam a sua cidade), **Of Time and the City** aproxima-o (como só a Trilogia fizera) da tradição do documentário social britânico (á qual vai roubar muitas imagens). A propósito, Davies sempre referiu **Listen to Britain** (1941), de Humphrey Jennings, como a maior influência para **Of Time** – acrescentando que “mais do que um documentário, é um poema”. Eis um bom descritivo deste filme de Davies – e de todos os outros.

A abrir a sessão, **Home! Home!**. Há cerca de sete anos que o Centre Pompidou, sempre que organiza retrospectivas de autores contemporâneos, desafia os visados a responderem a uma pergunta em forma de filme. A pergunta, “Où en êtes-vous?” [*Onde chegaste?* mas também *Em que ponto estás?*]. Diversos realizadores têm respondido, Jafar Panahi, Zelig Zilnik, Christian Petzold, Joanna Hogg, Richard Linklater, Bertrand Bonello, Sharunas Bartas, Naomi Kawase, Jean-Marie Straub e, entre vários outros, os portugueses João Pedro Rodrigues e Teresa Villaverde. Quando o Pompidou convidou Terence Davies para uma mostra integral da sua obra estendeu-lhe igualmente o convite a participar nesta série. O programa aconteceu no passado mês de março, mas Davies tinha falecido em outubro de 2023. Foi a primeira vez que um destes ciclos de cineastas contemporâneos organizados pelo Centre Pompidou foi feito postumamente. O mesmo aconteceu com o filme-interrogação. Terence Davies preparou **Home! Home!** a partir de uma compilação de textos e poemas seus, escritos ao longo das últimas décadas, mas devido à doença súbita que lhe tirou a vida, o filme acabou por ser realizado pelo seu assistente pessoal, James Dowling, segundo as suas instruções.

À semelhança doutro filme-encomenda, **Passing Time**, Davies-Dowling retratam a paisagem rural da zona de Essex, onde o realizador viveu ao longo das últimas três décadas. Longos planos de ambientes naturais – pontuados por um barco que passa, um carro que cruza a estrada, uma ave que levanta voo... – sobre os quais correm (na banda-sonora) cinco poemas escritos por Davies e excertos do seu único romance. Além de realizador, Davies dedicou-se com bastante determinação à escrita: publicou um romance (*Hallelujah Now!*, escrito em 1984 mas só publicado em 1993), escreveu poesia que foi sendo publicada de forma dispersa ao longo dos anos (permanecendo muita dela inédita – aliás, **Home! Home!** constitui um acesso privilegiado a esse trabalho) e iniciou uma autobiografia que deixou incompleta. Embora a seleção dos textos tenha ainda sido feita por Davies, a escolha dos locais seguiu o conhecimento de Dowling sobre as preferências do realizador. Isto é, o assistente optou por filmar um conjunto de locais que faziam parte do dia-a-dia do cineasta: locais de lazer, de passeio, de contemplação. Embora **Home! Home!** seja um filme póstumo, ele prolonga o olhar do realizador a partir dos locais da sua (con)vivência, procurando uma qualquer permanência da visão na permanência da paisagem – algo em que, certamente, Terence Davies pouco acreditava, ele que dava como definitiva a perda/degradação de todas as coisas, sendo só recuperáveis as memórias a partir do poder do cinema enquanto artifício da imaginação.

O próprio título, “Home! Home!”, é profundamente *daviesiano* já que transforma a palavra “lar”/“casa” num sussurro do próprio espaço, como se esse fosse o som do respirar das paredes, do arfar da lareira, do gemer das escadas, do tiritar das janelas. O espaço da casa é, assim, invadido por uma solidão repleta de memórias, onde um vulto já esquecido se abeira da porta, onde uma peça de roupa recorda um movimento, onde uma cor recorda uma voz. Dowling tem o cuidado – e a delicadeza – de, a partir de uma escrita tão doméstica e tão íntima fugir à tentação da ilustração, distendendo-se sobre as paisagens marítimas ao pôr-do-sol ou sobre naturezas mortas – o distanciamento do postal ou da composição clássica reforçam a violência despeitada de algumas das palavras do realizador-escritor. De qualquer modo, o momento mais divertido é aquele em que Dowling nos dá a ver um conjunto de gansos brancos enquanto se ouve um poema de Davies composto a partir de descrições de utilizadores de aplicações digitais para encontros sexuais entre homens – um poema ironicamente intitulado *Rendezvous*.

Porém, a força do poema final – *Goodbye to all that*, que é também o final de uma obra, de uma vida – é simplesmente desarmante. Davies encerra o seu cinema numa despedida a tudo aquilo que definiu o seu cinema, a tudo aquilo que definiu o seu entendimento do mundo (num outro paralelo com o cinema de Manoel de Oliveira e o seu derradeiro “sumo-me”): *Adeus à memória, à esperança, ao amor. / Adeus à luz, à escuridão, à calma. / Adeus ao brilho dos muros quando o crepúsculo cai e se derrama no chão de uma divisão antes cheia. / Adeus a tudo isso. / Adeus à serenidade do conhecido. / Adeus ao terror da velhice. / Adeus à noite, à aurora que nunca voltará enquanto carregamos os nossos corpos para a outra margem. / Adeus a tudo isso. / Adeus, meu príncipe, minha alma, meu tudo. / Adeus ao tu-universal, tão querido, tão amado, tão verdadeiro. / Adeus a tudo o resto, mas não... nunca adeus a ti.*